

Enviado por Marlene Lucia Siebert Sapelli  
Cascavel/PR

### Um Apólogo Machado de Assis

**Obs. Fiz pequenas alterações no texto para trazê-lo para o contexto de hoje. No final coloquei o texto original para poder ser lido como era.**

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque costuro. Então os vestidos e enfeites de nossa dona, quem é que os costura, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os costura? Você ignora que quem os costura sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que costuro, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando... Você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da dona do vestido e pegou o pano, pegou a agulha, pegou a linha, enfiou a linha na agulha, e começou a costurar. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto dia acabou a obra, e ficou esperando a festa.

Veio a noite da festa, e a dona do vestido vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela moça, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para irritar a agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai à festa, no corpo da moça, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com belos rapazes, enquanto você volta para a caixinha da costureira? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faz como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um trabalhador, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária, que também é usada pela costureira!

**Obs. Se compararmos o texto com o trabalhador, poderíamos dizer que a agulha e a linha são trabalhadores ingênuos e que não têm consciência da sua condição de classe; o alfinete, apesar de estar na mesma condição tem consciência dos seus limites de classe mas não reage; e quem de fato fica com o lucro do trabalho dos três é a costureira. Essa é uma comparação, mas poderíamos fazer outras.**

Responda:

I. Compreendendo e se posicionando em relação ao texto:

1. Quais as personagens do apólogo?
2. Por que é um apólogo?
3. Qual a relação da agulha com a linha?
4. Qual a relação do alfinete com a agulha?
5. Qual das personagens tinha uma noção ingênua da sua importância? Copie partes do texto que mostrem isso.
6. Se fôssemos comparar as personagens com trabalhadores, como poderíamos relacioná-los e quem eles seriam?

II. Observando os elementos do texto:

- a) Copie os dez primeiros verbos diferentes do texto e apresente sua forma infinitiva.
- b) Selecione três adjetivos do texto e escreva um pequeno texto.
- c) Você observou que há várias travessões no texto. Que tipo de texto temos? Em que casos devemos usar o travessão no texto?
- d) Reescreva o texto, trocando os objetos, animados por Machado de Assis, por gente, criando uma situação da vida real.

**Texto integral**

## UM APÓLOGO

(Pesquisado em <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/apologo.html>)

ERA UMA VEZ uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?  
— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?  
— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...  
— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...  
— Também os batedores vão adiante do imperador.  
— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!